

# MULHERES FAZENDO E REFAZENDO MUNDOS: APROXIMAÇÕES ENTRE VEENA DAS E AS ENCRUZILHADAS DOS CULTOS AFRODIASPÓRICOS<sup>1</sup>

Cleiane Pereira Souza dos Santos (UFPI/Piauí)

## RESUMO

Ao resumo interessa investir na compreensão dialógica entre as formas de habitar a vida cotidiana mediante os eventos de dor e sofrimento, em consonância com um exercício conceitual-filosófico próprio de minha pertença comunitária e religiosa, que está ligada às religiões de matrizes afrodiáspóricas brasileiras, as “Encruzilhadas”. Em sua principal obra, *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*, a antropóloga indiana Veena Das (2020) provoca uma desestabilização à certeza europeia-feminista-ocidental que sempre buscou universalizar as noções de resistências femininas a partir do modelo binário da “subordinação e subversão”, excluindo o que é corporal, feminino, emocional, não racional e intersubjetivo (MAHMOOD, 2006). Desta forma, Das (2020, p. 27) ao se questionar “o que é recolher os pedaços e viver nesse lugar de devastação?”, sua intenção é romper com a visão dos corpos que estão nas margens como os “outros”, os “subalternos” e as “vítimas”; nos mostrando que esses corpos estão a todo momento se constituindo a partir da vida de muitos outros; dentro de uma dinâmica onde esses corpos estão a todo momento repensando, reavaliando e reescrevendo suas vidas (DAS, 2022). Isto posto, é que acredito que a perspectiva das Encruzilhadas encontra caminho com o pensamento da antropóloga indiana a medida que este lugar (as Encruzilhadas) inscreve nossa capacidade de a todo momento (re)inventar nossas formas de viver, lócus onde são determinados diversos caminhos com a intenção pedagógica de mostrar o quanto e de como a todo momento estamos fazendo e nos refazendo nos limites da vida cotidiana, dentro de um oriki que diz: “Exu faz o acerto virar erro e o erro virar acerto” (RUFINO, 2019), concatenado nessa capacidade que todos nós carregamos, de sempre estar reavaliando e reescrevendo nossas relações uns com os outros.

**Palavras-chaves:** Encruzilhadas; Mulheres; Formas de habitar.

## INTRODUÇÃO

O gosto-descoberta pelas concepções analíticas da indiana Veena Das é um daqueles achados primorosos e valiosos que nos tocam a alma. O contato com o texto de sua autoria, *O Ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade*, traduzido e publicado na revista *Cadernos Pagu* da Unicamp, em 2016, foi um divisor de águas na/para minha caminhada enquanto pesquisadora no mestrado em sociologia. O impacto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

causado pelo pensamento desenvolvido por Das naquele artigo acessou em mim muitas percepções sobre as agências das mulheres negras favelizadas de minha família no cuidado com as crianças, com as/os adolescentes, seus maridos – alguns destes vitimados pelo comportamento perigoso com o álcool e outras drogas -, as/os mais velhas/os e a nossa comunidade, e a forma como tudo o que eu as via passar/enfrentar me chacoalhava grandemente.

As violências e vulnerabilidades sociais de variadas ordens experienciadas pelas minhas tias e minha mãe e a forma como elas se esforçavam na manutenção de nossas vidas, suas/seus descendentes, sempre foram alvos de minha observação e atenção – não na qualidade da investigação etnográfica perscrutada por Veena Das. Um dos momentos mais difíceis que presenciei as mulheres da minha família vivenciar foi a capturação do meu irmão pelo sistema de justiça criminal brasileiro. Estampava-se no rosto das mulheres, principalmente no de minha mãe, o sentimento de “luto”, medo e incerteza quanto ao destino do meu irmão mediante as marcas e agruras da violência da conquista colonial alicerçado no aparelhamento estatal vide racismo estrutural objetivado na eliminação dos corpos dos/as descendentes da diáspora africana.

Mas o que mais me chamava atenção era a forma encontrada pelas mulheres e homens de minha família para fazer com que meu irmão não se entregasse e acreditasse nas violências psicológicas ditas pelos representantes do Estado (agentes penitenciários) ao tentarem introjetar em sua cabeça que ele seria “rato de cadeia” (pessoa que vive de cadeia em cadeia, fadada ao cárcere) e que ele era um “monstro” e, portanto, lugar de “monstro” é o aprisionamento. A resposta para essa tentativa de destituição da humanidade de meu irmão, encontrada pela minha família, não foi à aproximação desta aos movimentos e organizações sociais de luta pelos direitos humanos das pessoas em condição de aprisionamento<sup>2</sup>. A saída para não deixar meu irmão se entregar a narrativa colonial foi estabelecer que a cada visita institucional todos os familiares recorreriam às memórias mais belas e vívidas da infância deste como forma de resistência ao seu extermínio. Acompanhei minha mãe em todas as visitas realizadas por ela junto ao meu

---

<sup>2</sup> Apontar que minha família não recorreu aos movimentos sociais de luta pelos direitos de pessoas em privação de liberdade à época da prisão do meu irmão – entre os anos 1990 e 2000 -, não é com o viés de endossar a insignificância desses coletivos, pelo contrário, acredito na força política, social e ética dessas organizações no comprometimento com a vida de negras e negros aprisionados/as contra o projeto colonial brasileiro de encarceramento em massa e, portanto, anti-negro. Entretanto, nem sempre as resistências empreendidas pelas populações da diáspora africana frente a regimes brutais de aniquilamento seguem o modelo de reivindicação pública e política.

irmão e, sempre ao retornarmos para casa eu ficava refletindo como eu conseguia ver tanta beleza naquela ação de retomar as lembranças da infância para não deixar meu irmão fenecer. Comentei com minha mãe de como era bonita essa forma de “socorrer” meu irmão com essas lembranças doces e ricas de sua infância. Mamãe me chamou de louca dizendo: “Como tu consegue achar bonito a gente passar por todo esse sofrimento? Isso tudo que a gente vevi tá é me matando, me dilacerando”. Me senti um ser sem coração.

Ao receber, pela primeira vez, os escritos de Veena Das, em 2021, me dei conta que a forma como eu refletia sobre as experiências das sujeitas de minha família frente às vulnerabilidades e violências cotidianas e o “paradoxo de subjetivação” gestados por elas me fizeram perceber que eu não era louca, como afirmava minha mãe (MAHMOOD, 2016) Na verdade, Das conseguiu teorizar, sentir e repartir como se alimento fosse essas formas de resistências concebidas por corpos que estão nas ditas “margens”, que não seguem esse ideal de resistência tão apregoado pela agenda ocidentalizada, mas em uma resistência adscrito naquilo que é corporal, feminino, emocional, não racional e intersubjetivo (MAHMOOD, 2006), ou como Paula Lacerda (2023, p. 149), em linhas mais gerais, chama nossa atenção para compreensão desse modelo de resistência, “cujo heroísmo consiste justamente na banalidade desses pequenos feitos sem os quais a vida torna-se impossível de ser vivida”. Nesse particular, fica nítido a minha inclinação teórico-metodológica e ético-política pelo pensamento de Veena Das.

Todavia, ao ter acesso à obra da referida autora intitulada, *Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*, com a intenção de me aprofundar um pouco mais na complexidade de seu pensamento junto às mulheres indianas nas periferias de Déli, na tentativa de buscar alguma contribuição para também complexificar as sujeitas da minha pesquisa de mestrado<sup>3</sup>, é que me dei conta que enquanto Das teoriza em meio a um contexto sócio-histórico vivenciado pelas mulheres de sua pesquisa como, a Partição e o Assassinato da primeira-ministra indiana, Indira Ghandi, dois eventos marcadamente violentos que atingiram de forma brutal os corpos, as relações, as subjetividades e o cotidiano de suas interlocutoras, atentando para a capacidade destas de (re)habitar esses espaços de degradação humana, as minhas companheiras de

---

<sup>3</sup> Dissertação defendida sob o título, *Amoladas a pedras-de-rio e águas: encruzilhadas de mulheres, lavanderias e casas na Teresina periféricas*

pesquisa; mulheres negras lavadeiras periféricas de uma Lavanderia Comunitária da região onde eu moro, por outro lado, traziam em suas oralidades o histórico de violências de varias ordens e a pertença ou simpatização com uma religião de matriz africana ao qual também sou praticante, a Umbanda.

Interessante e oportuno pontuar que nas falas das minhas companheiras de pesquisa foi possível observar que para se manterem e manterem seus descendentes de pé em meio a tanta dor e sofrimento perpetrados pelas práticas estatais e dos demais com quem compartilham suas jornadas de vida, recorrer ao chão dos terreiros de Umbanda e dos encantados que baixam nas giras que, cuidam e protegem seus caminhos e dos seus demais parentes, revelou-se como uma forma de dar continuidade ao trabalho de viver dessas famílias. Assim, se o que vibra e inspira a descrição das vidas e textos no livro de Veena Das (2020) é a capacidade dos sujeitos com quem ela esteve de reconstruir suas vidas naqueles espaços de devastação, de algo que se acabou, minha indagação ancorou-se no processo histórico escravista do nosso país e também na influencia afro-indígena, especificamente as ligadas as religiões do povo do santo (Umbanda), de produção de conhecimento como tecnologias ancestrais de sobrevivência à medida que levantei o seguinte questionamento: o que são mulheres negras produzindo Encruzilhadas como forma de manutenção da vida em meio as tentativas de seus apagamentos por parte do Estado brasileiro?

Isto posto, opto por nas linhas que se seguem apresentar como o pensamento de Veena Das tece relações pertinentes com perspectiva epistemológica do povo de axé, as Encruzilhadas, para se pensar em subjetividades e o (re)fazimento de mundos, revelando o caráter inventivo dos sujeitos para/ na manutenção de sua vida e da sua descendência.

## **COMPREENDENDO A EXPERIENCIA HUMANA POR MEIO DOS “PASSOS DE CARANGUEIJO” E AS “ENCRUZILHADAS”**

O laborioso e delicado trabalho etnográfico de Veena Das delinea os contornos intrincados da experiência humana e suas múltiplas formas de vida tecidos entre violências, linguagens, os regimes normativos do Estado e das redes regulamentadoras que extrapolam este e a vida cotidiana. Reerguer mundos em meio a uma realidade social de dor e sofrimento revelam o perigo e a beleza da força das relações entre o sujeito e o mundo que nunca se encerram.

A fecundidade analítica de sua ênfase no cruzamento entre o sujeito e o mundo encontra-se atinente quando nos convida a “descer o ordinário” (DAS, 2020). Norteador por um sentido subjacente de um “deslocamento epistemológico e subjetivo” que, conforme Paula Lacerda (2023), a “descida ao ordinário” nos permite depreender as rotinas e rituais do cotidiano não como hábitos e práticas de ações irrefletidas dos sujeitos; longe disso, “requer esforços consideráveis, para serem realizados e, ao mesmo tempo, são condição para a própria existência” (LACERDA, 2023, p. 149). A preocupação da teórica indiana com as minúcias da vida cotidiana e o sofrimento que atravessam as histórias de vida dos sujeitos de seu empreendimento etnográfico, não pode ser revestido por uma abordagem desses espaços de devastação onde tudo o que vê são rastros de “pedra e lixo”, como algo aniquilador e paralisante da capacidade humana de agir, na busca por um futuro possível de se viver (MISSE et al, 2012; Das, 2020; LACERDA, 2023).

Essa dimensão que permeia todo o seu percurso empírico, ensina que “nós também produzimos conhecimento em um modo de intimidade com nossos temas de pesquisa” (MISSE et al, 2012, p. 343). Receber esse conhecimento junto de “pessoas ordinárias” precisa fortemente que estejamos atentas/os à vida dos outros para que nossas vidas ganhem sentido e possamos reformular o mundo que habitamos (MISSE, et al, 2012). Figura, por isso, como se debruçam Paula Lacerda (2023) e Adriana Vianna (2023) que, habitar formas de vida tão singulares deveriam nos estimular na reafirmação do nosso compromisso de escrita com as lutas dos sujeitos numa perspectiva subjetiva e de intersecção entre Estado, as resistências operadas pelos indivíduos e demais categorias analíticas, engajados pelo

O modo como nos aproximamos de outros, como buscamos estabelecer alguma compreensão do que vemos, ouvimos e compartilhamos, implica compromisso de co-habitar, parcialmente que seja, estas formas de vida. Não é possível saber de antemão, porém, se isto se faz buscando não desprezar os múltiplos fios de que se compõe a textura do ordinário, se deixando escrever coisas que possam ser violentas para quem as viveu ou para quem nos lê ou, por fim, se aguardando, com um quê de esperança, que o tempo traga novas palavras para uma menina escrever outras histórias (VIANNA, 2023, p. 4).

Esse jeito de fazer antropologia de Veena Das nos auxilia e inspira para melhor entender esses momentos do campo e da escrita enquanto “compromissos de co-habitar” mundos a partir dos desdobramentos da nossa vida e da vida de muitos outros. E, para a autora, os efeitos dos caminhos que percorremos com os sujeitos da nossa pesquisa, consubstancia naquilo que ela conceitua como “passos de caranguejo” (SARTI et al,

2022). Ao longo do tempo uma idéia ou pensamento pode se estabelecer em uma determinada direção e, anos mais tarde essa idéia pode incluir outros pensamentos, caracterizando assim os “passos de caranguejo” (SARTI et al, 2022).

Esse é o compasso da vida. Ir e voltar. Continuar e romper. Parar e retomar. Segurar e soltar. As dinâmicas sociais costuradas e descosturadas entre os sujeitos não podem ser reduzidas a noções genéricas dicotômicas. Os “passos de caranguejo” são os movimentos que estamos a todo o momento produzindo em nossas vidas; da reavaliação (ou não) de nossas pegadas no mundo. Por isso que as “Encruzilhadas” das religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda), em alguma medida, encontra caminho na metáfora lançada por Das acima. Ora, se o trabalho de Veena Das localiza a experiência do sujeito feminino empobrecido do contexto indiano e sua capacidade de agenciamento que se (re)faz no fluxo da vida, tomo a realidade de mulheres negras lavadeiras - estas que trazem inscrito no corpo a experiência transatlântica de regimes brutais de silenciamento que tenta exterminar sua presença e de sua descendência – e sua produção de Encruzilhadas enquanto “palco de todos os tempos e das possibilidades” que se exercita no exercício do viver (RUFINO, 2019, p. 39).

Como Exu, o dono das Encruzilhadas, essas mulheres estão todo momento relendo seu tempo ao passo que potencializam tecnologias inventivas de novos seres e caminhos (RUFINO, 2019). Partilhar com elas suas alegrias, dores, sofrimento e queixumes entre as pias de lavar roupas, as pedras de engomar, as contendidas com seus familiares e vizinhanças em minhas idas e vindas em suas casas e a reordenação sistêmica do projeto neoliberal de manutenção das desigualdades sociais baseadas em hierarquias raciais em seus territórios pauperizados, me fez perceber que a produção de Encruzilhadas – prática inventiva enquanto possibilidade – tecidas por elas busca o “reencantamento do mundo, a afirmação da vida” (RUFINO, 2019, p. 12, 13).

Ver e viver um pouco da vida das lavadeiras da favela da Vila da Paz, em Teresina-Piauí, me possibilitou a aproximação das Encruzilhadas paridas por elas, reverberados em gestos e práticas de “responsabilidade com a vida em toda a sua esfera” (RUFINO, 2019, p. 16). O exercício do cuidado (com vida) nas Encruzilhadas pela lavadeira Dona Lúcia revela a beleza e generosidade da potência das agências de mulheres negras. O cultivo e zelo da amizade com um homem já idoso – assim como ela - , morador da mesma região que a lavadeira é o fio condutor que cruzam “continuidade e inacabamento da vida” (SANTOS, 2023; RUFINO, 2019). Meus encontros com ela entre as pias de lavar eram sempre regados com a voz grave ao entoar

os “pontos” (músicas) de macumba em companhia de suas lembranças das “baias” (giras) de Umbanda que costumava frequentar com sua mãe quando ainda estava em vida.

A relação de amizade entre Dona Lúcia e este homem foi permeado pelas ingerências da família do mesmo. As desconfianças do elo entre os dois foram direcionada a Dona Lúcia pelos filhos do idoso que a viam como interesseira, visto que o homem era viúvo e policial militar aposentado enquanto ela era solteira. Como o idoso ainda gozava de saúde, os filhos não conseguiram impedir as constantes visitas realizadas por aposentado à casa de Dona Lúcia. Eles riam e conversavam sobre tudo. Dona Lúcia o apelidou de Beija-Flor devido à rapidez de suas visitas em sua casa. Certo dia a visita de Beija se demorou mais do que o habitual. Neste dia ele confessou a amiga que estava doente e precisava realizar uma cirurgia. Beija-Flor estava decidido não realizar tal procedimento, pois segundo ele “da vida não esperava mais nada”. Dona Lúcia passou a insistir para que o amigo realizasse o procedimento. Em todas as visitas que o amigo lhe fazia ela reiterava que o mesmo deveria fazer a cirurgia. Com muito esforço e insistência ele seguiu o conselho da amiga. Após sua recuperação, Beija retornou à casa de Dona Lúcia para agradecer e revelar o quanto estava mais disposto a viver. Ao relembrar todo esse fato que vivenciou com o amigo, seus olhos marejaram mergulhados em profunda tristeza. Hoje, segundo ela, Beija está com Alzheimer e os filhos não permitem que ela visite-o. Questionei o motivo de sua insistência para que o amigo realizasse o procedimento operatório, e, sem titubear, me respondeu que queria “incentivar ele para a vida” (SANTOS, 2023). Essa é a força vital do “padê arriado” por mulheres negras por nas Encruzilhadas da “marafunda ou carregó colonial”: incentivar as suas e os seus para a vida (RUFINO, 2019; SANTOS, 2023). Assim como Exu, o dono das Encruzilhadas, elas são incentivadoras da vida das populações em diáspora onde inventam e reinventam formas de ser e estar no mundo.

### **“AS ÁGUAS DO MAR ABALÔ...”**

O que sabemos sobre a vida e os sujeitos que nela habitam? O pensamento de Veena Das (os passos de caranguejo) e as Encruzilhadas nos guiam entre as contingências e subjetividades do viver que povoam as pegadas humanas. A segurança da certeza é velha, adoecedora e encapsuladora das feituradas dos sujeitos. A frase acima que intitula essa caquética formatação conhecida como “conclusão”, foi extraído de um ponto de Umbanda muito cantado nos terreiros, giras e baías de onde resido. Habitamos

este mundo com toda a força das ondas ao “quebrar” nas rochas de uma praia como também pela brandura das águas que escapam suavemente das mãos da mãe ao banhar o bebê. Ambas perspectivas carregam o viço do abalo que podemos provocar uns aos outros.

## REFERÊNCIAS

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**; tradução: Bruno Gambarotto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2020. – 312p

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**; tradução: Bruno Gambarotto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2020. – 312p.

LACERDA, Paula. Veena Das. **Antropologia: ensino, pesquisa e etnografia hoje**. Volume 1. RATTES, Kleyton, MELLO, Marcelo Moura, SILVA, Simone(organizadores) – Niterói: Eduff, 2023[recurso eletrônico]; ePUB – (Coleção Biblioteca Básica). Disponível em: <<https://www.eduff.com.br/produto/antropologia-ensino-pesquisa-e-etnografia-hoje-volume-1-e-book-pdf-726>> Acessado em 27 de jul. de 2023.

MAHMOOD, Saba. “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. **Etnográfica**. v. 10, n. 1, 2006, p. 121-158. Disponível em <<https://journals.openedition.org/etnografica/6431>> Acessado em 25 de out. de 2021.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. v. 10, n. 1, 2006, p. 121-158. Disponível <https://journals.openedition.org/etnografica/6431>. Acesso em: 10 de jun. 2024.

MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre; BIRMAN, Patricia; PEREIRA, Pedro Paulo; FELTRAN, Gabriel; MALVASI, Paulo. Entre palavras e vidas. Entrevista com Veena Das, **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 5, n.2, PP. 335 – 356, 2012. Disponível <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7331>. Acesso em: 01 de maio de 2024.

RATTES, Kleyton; SILVA, Simone; MELLO, Marcelo. Antropologia: ensino, pesquisa e etnografia hoje. LACERDA, Paula. **Veena Das**. vol. 1. Niterói: Eduff, 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. – Rio de Janeiro. 1ª. ed. Editora: morula, 2019.

SANTOS, Cleiane Pereira Souza dos. **Amoladas a pedras-de-rio e águas: encruzilhadas de mulheres, lavanderias e casas na Teresina periférica**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí. 2023. 86f.



SARTI, C.; PIEROBON, C.; FERREIRA, L.; DAS, V.; VIANNA, A.; GAMBAROTTO, B. Antropologia, desejo e texturas da vida: uma entrevista com Veena Das. **EXILIUM: Revista de Estudos da Contemporaneidade**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 21–68, 2022. DOI: 10.34024/exilium.v3i5.14654. Disponível <https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/14654>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VIANNA, Adriana. **A Antropologia como ofício feito de reencontros, perdas e curas**. *Mana*, Volume: 29, Número: 2. 2023. Disponível <https://www.scielo.br/j/mana/a/D3DJxqG4m7QJbTJyzYvzxGx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de mar de 2024.